

Crise chega ao DF

FOTOS: FRANCISCO STUCKERT

Marcella Oliveira

A crise que afeta o Instituto do Coração (Incor) de São Paulo também está no Distrito Federal, mas em menores proporções. Dos R\$ 230 milhões da dívida do instituto, R\$ 30 milhões são relativos a déficits no hospital de Brasília. Para tentar regularizar a situação, a Fundação Zerbini, que administra o instituto, não descarta a possibilidade de demitir pessoal, com corte em torno de 15%, o que significaria, no DF, a dispensa de 84 funcionários. A superintendência regional tenta encontrar outra maneira para superar a crise.

A Zerbini é responsável pela gestão administrativa, financeira e operacional do Incor. Segundo o presidente nacional da fundação, Adelmir Sabino, atualmente a parte administrativa e financeira do Incor-Brasília é totalmente independente de São Paulo. "Por isso, os motivos das crises são diferentes", explica.

Segundo Sabino, o déficit financeiro de São Paulo começou no fim da década de 90, com

a construção do Incor 2, durante o governo de Mário Covas. "Covas fez um acordo informal com a fundação, da gente construir e depois o Estado ressarcir. Mas ele morreu e nunca recebemos o dinheiro", conta.

Em Brasília, o déficit é operacional, ou seja, acontece porque a receita é menor do que os gastos. Por mês, o hospital tem de receita cerca de R\$ 1,4 milhão, enquanto gasta aproximadamente R\$ 2,2 milhões. "O investimento de estrutura está totalmente pago, o déficit é totalmente operacional, não existem dívidas por conta da construção", explica o superintendente regional, Milton Pacífico.

A maior parte da receita vem do Congresso Nacional. O restante é do Sistema Único de Saúde (SUS), dos convênios privados e atendimentos particulares. Sabino reclama da demora de repasse da verba do SUS e dos convênios. "Já chegamos a esperar quase um ano para receber do governo. Temos um crédito de cerca de R\$ 2 milhões, sendo R\$ 1,2 milhão somente do SUS", revela.

Assim como em São Paulo, o corte no DF pode chegar a 15%, tanto da parte administrativa quanto de médicos e enfermeiros. O quadro em Brasília tem 560 funcionários. Segundo Sabino, o corte maior seria na área administrativa.

A médica Viviane Holmes Rocha conta que largou cinco empregos para trabalhar com exclusividade no hospital e fica chateada em pensar em demissões. "Estamos torcendo para que tudo dê certo. Ainda mais que a equipe é muito boa e será difícil escolher essas pessoas", comenta. A enfermeira Andrea Gama acredita que a crise é passageira. "Se for necessário cortar pessoal, é só esperar as coisas melhorarem depois", afirma.

O médico e diretor-clínico do Incor Brasília, Adriano Cai-xeta, e Milton Pacífico afirmam que farão estudos para tentar encontrar uma solução que não seja demitir pessoal. "Vamos atrás de um aumento do faturamento, cobrar de quem nos deve e esperamos que até metade do ano que vem tudo esteja

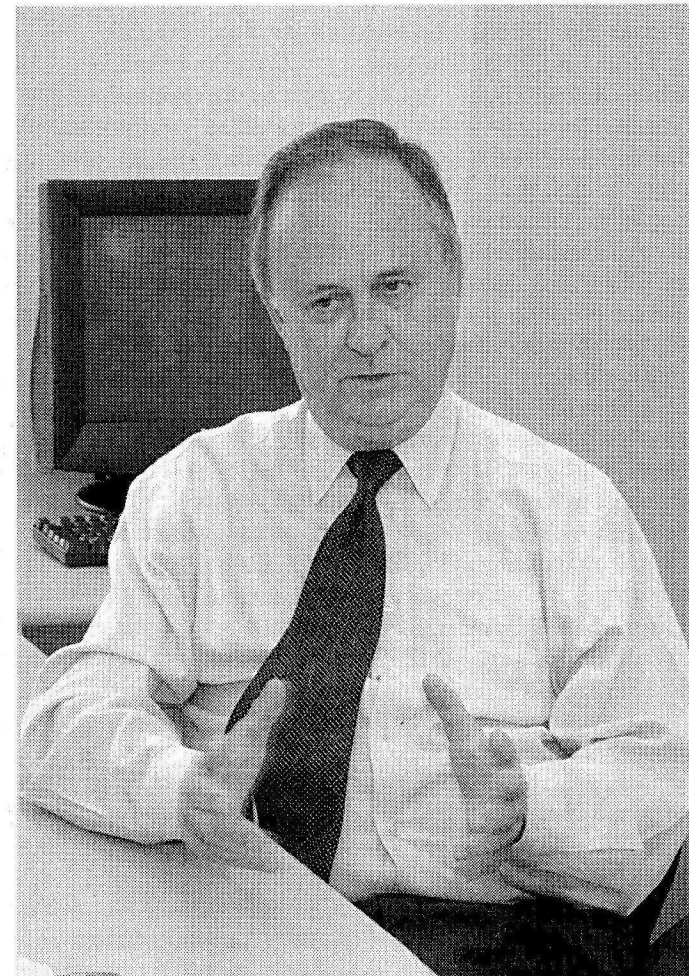
equilibrado", disse Pacífico.

■ Convênios privados

Uma das maneiras é aumentar o atendimento de convênios privados. "Queremos que as pessoas passem a conhecer o hospital e saibam que tem um local com alta qualidade. Não vamos medir esforços para que não ocorram demissões", defende o médico.

Hoje, 82% dos atendimentos são pacientes do SUS e 18% de convênios privados e particulares. Aumentar o número de atendimentos privados, sem deixar de atender o SUS, seria uma das alternativas de aumento de receita.

Adelmir Sabino adianta que na semana que vem terá uma reunião com os presidentes da Câmara dos Deputados, Aldo Rebelo, e do Senado, Renan Calheiros, para conversar sobre os recursos. Ele acredita que o governo local também deva ajudar e adiantou que vai procurar o governador eleito no DF, José Roberto Arruda (PFL), em busca de ajuda para o Incor em Brasília.



■ ADELMIR SABINO DIZ QUE MOTIVOS DAS CRISES SÃO DIFERENTES